

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROBERTA PAIXÃO LELIS DA SILVA

**BIOLOGIA E ARTE E LITERATURA:
POSSIBILITANDO EDUCAÇÃO NO INTERMEZZO**

**Uberlândia
2022**

ROBERTA PAIXÃO LELIS DA SILVA

**BIOLOGIA E ARTE E LITERATURA:
POSSIBILITANDO EDUCAÇÃO NO INTERMEZZO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dra. Lucia de Fátima Dinelli Estevinho

**Uberlândia-MG
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586b
2022 Silva, Roberta Paixão Lelis da, 1994-
Biologia e arte e literatura [recurso eletrônico] : possibilitando
educações no intermezzo / Roberta Paixão Lelis da Silva. - 2022.

Orientadora: Lucia de Fátima Dinelli Estevinho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5051>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Estevinho, Lucia de Fátima Dinelli, 1963-, (Orient.).
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Educação. III. Título.

CDU: 37

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 10/2022/799, PPGED				
Data:	Vinte e sete de junho de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	[14:30]	Hora de encerramento:	[16:00]
Matrícula do Discente:	12012EDU042				
Nome do Discente:	ROBERTA PAIXÃO LELIS DA SILVA				
Título do Trabalho:	"Biologia e arte e literatura: possibilitando educações no intermezzo"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Criações em Arte e Vida"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professoras Doutoras: Elenise Cristina Pires de Andrade - UEFS; Daniela Franco Carvalho - UFU e Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - UFU, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Lucia de Fátima Dinelli Estevinho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/06/2022, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



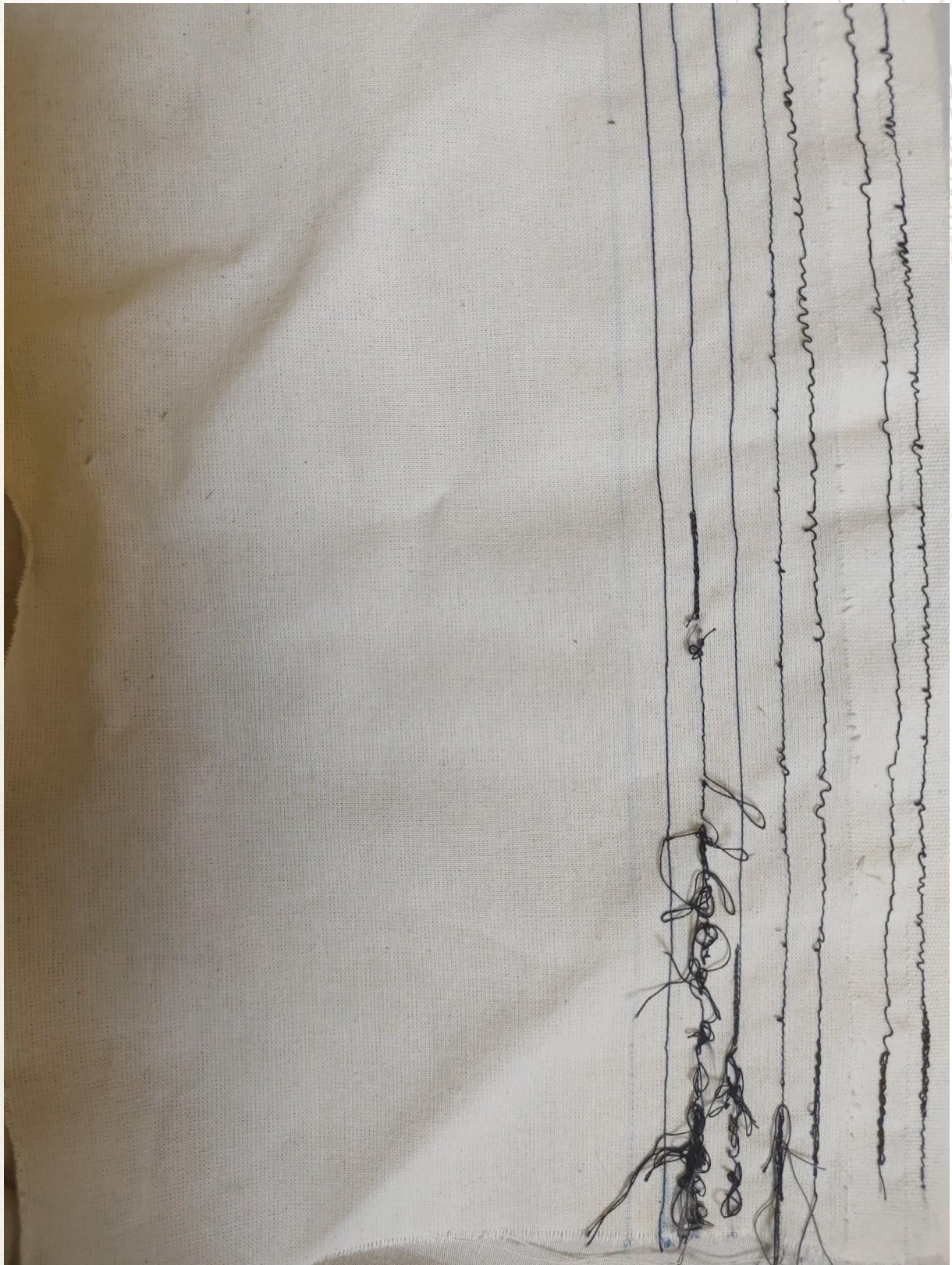
Documento assinado eletronicamente por **Elenise Cristina Pires de Andrade, Usuário Externo**, em 27/06/2022, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/06/2022, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3709221** e o código CRC **B4A4F130**.



“...aquilo que realmente existe não são as coisas feitas, mas as coisas se fazendo.”

(William James)

*penso versos
em que eu não caiba
enxoto a palavra que
o eu designa
mas vem ela e salta
monossilábica e tônica
para dentro do meu projeto*

*– haverá sabotagem
(eu se pergunta)
nesse ao redor
nesse céu de tanto azul
nessa mosca pesada e lúdica
batucando na janela?
como ter certeza de que há
vida para além
da divisa do meu?*

*– não me atrapalhes (respondo)
não te pertenço
não me pertences
basta a confusão de achar
que te habito
no instante em que escrevo isto
como se o meu pronome fosse eu.
(Adriana Lisboa, “divisa”)*

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo experimentar a biologia, pela e em conexão com a arte e a literatura, dando voz a existências menores, experimentando objetos, sensações, e experimentando também a pesquisa, tensionando novas percepções sobre a educação em biologia, por uma perspectiva outra, uma biologia outra, uma educação outra. Compondo com os pensamentos de Gilles Deleuze, Felix Guattari, David Lapoujade, Erin Manning e William James, que nos auxiliaram a expandir as possibilidades e criar novos caminhos. Para situar o leitor, o texto inicia com uma breve exposição dos caminhos perseguidos, as intenções para com o trabalho e os desejos que movimentaram as produções. Ao longo do trabalho, experimento pelas brechas, fissuras, buscando dar vida e voz a objetos e materiais antes considerados inúteis, descartáveis. Para as experimentações foram realizadas de diversas maneiras, utilizando do bordado, da fotografia, de colagens e também da escrita, essas diferentes técnicas compõem camadas e é através dessas camadas que encontro a possibilidade de imersão e a emersão de pensamentos em biologia e educação. Além das produções, o trabalho é composto também pelos encontros com as obras de artistas mulheres, tanto do campo da literatura, quanto nas artes plásticas.

Palavras-chave: Filosofia; Potência; Biologia; Educação; Arte; Vida

ABSTRACT

This research aims to experience biology, by and in connection with art and literature, giving voice to smaller existences, experiencing objects, sensations, and also experiencing research, straining new perceptions about education in biology from a different perspective, another biology, another education. Composed with the thoughts of Gilles Deleuze, Felix Guattari, David Lapoujade, Erin Manning, and William James, who helped us expand the possibilities and create new paths. To situate the reader, the text begins with a brief exposition of the paths pursued, the intentions towards the work and the desires that moved the productions. Throughout the work, I experiment through gaps, cracks, seeking to give life and voice to objects and materials previously considered useless, disposable. The experiments were carried out in several ways, using embroidery, photography, collages, and writing. These different techniques make up layers and it is through these layers that I find the possibility of immersion and the emergence of thoughts in biology and education. In addition to productions, the work is also composed by encounters with the works of women artists, both in the field of literature as in the fine arts.

Keywords: Philosophy; Potency; Biology; Education; Art; Life

CAMINHOS, DESEJOS,
INTENÇÕES

UMA BIOLOGIA
MAIS DO QUE
HUMANA

BORDADOS
NOS
MENTRES

EXPERIMENTAÇÕES

PARA FINALIZAR

SUMÁRIO

CAMINHOS, DESEJOS, INTENÇÕES.....	10
EXPERIMENTAÇÕES.....	16
Bordados nos (V)entres.....	21
Uma biologia mais-do-que-humana.....	42
PARA FINALIZAR.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

CAMINHOS, DESEJOS, INTENÇÕES

O presente trabalho, é uma pesquisa-viva, pensada como algo que está além do ato de pesquisar, sendo uma experiência, a experimentação da pesquisa, que forja intensidades e cria velocidades. Como mapas, a pesquisa possibilita emergir linhas, linhas de saída e de entrada, que se cruzam e se enrolam em processos vitais de existências, resistências e (re)existências.¹

A pesquisa-viva é uma pesquisa que se dá através do corpo, transborda o ser, começa no dentro e vai até o exterior, escapando pelos dedos e pela boca, forjando dobras infinitas, possibilidades infinitas. A pesquisa me empapuaça, ao mesmo tempo que me entope e não há escolha se não deixá-la sair, extravasar, contaminar, vazando pelos poros, abrindo frestas em mim, como em um solo árido, criando rachaduras na pele.

Esta pesquisa, se dá à medida que eu também me entrego, não apenas como um corpo, mas como pessoa e pesquisadora. Este trabalho compõe a minha história e trajetória, me atravessa, constituindo-se parte indiscernível do meu ser.

Desde sempre atravessada pela arte, percebo essa conexão também em minha formação. Mesmo formada em Ciências Biológicas, ao longo da graduação me encontrei com disciplinas na licenciatura que me possibilitaram expandir os horizontes, e pensar outras possibilidades de se fazer e ensinar biologia, que não apenas ensinando nos moldes convencionais da biologia cladística, laboratorial, percebendo uma biologia permeada por afetos e arte. Compreendi e fui capaz de forjar vínculos entre a biologia e outras esferas da vida social e cultural. Possibilidades de conhecer e compreender uma biologia que integra e faz parte de um todo.

¹ Esta pesquisa-viva ocorre devido ao pensamento cartográfico, trabalhado por Gilles Deleuze, Felix Guattari e Suely Rolnik. Rolnik, em seu livro *“Cartografia sentimental”*, nos apresenta uma definição provisória, que a cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos -sua perda de sentido- e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.” (2011, p.23) . A partir da cartografia foi possível constituir o trabalho em composições, pelos meios, pelas zonas, assim, desenho mapas desses encontros, sem relação com decalques. Sem preconceitos com diferentes materiais, fagocitando esses múltiplos elementos estrangeiros, forjando um uno. Rolnik (2011, p.232) completa “o estilo -cartográfico- procura realizar a vontade de expandir os afetos, de navegar com o movimento e de devorar os estrangeiros para, através das misturas, compor as cartografias que se fazem necessárias”.

A experiência com o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) me proporcionou constituir relações afetivas, para além dos muros da universidade, sendo arrastada para a realidade a partir da atuação na Educação Básica em escolas públicas e arrebatada por demandas até então novas para mim. Uma das experiências mais marcantes vividas com os alunos do ensino médio, foi a Greve dos Secundaristas no ano de 2016 com o intuito de barrar a PEC 241 (PEC do teto de gastos) e a PL 44 (Projeto Escola sem Partido), onde os alunos secundaristas ocuparam as escolas, ressignificando e reivindicando o espaço escolar.

Renata Aspís, escreve sobre as ocupações secundaristas em seu artigo *Minorias e territórios: ocupações* (2017), ela comenta que:

Ocupar é criar território. Só é um território porque está ocupado com os corpos, e é vivo. Não é “terra improdutiva”, não é propriedade cercada, não está parado, por isso ocupação não é invasão. Por isso não tem sentido clamar neoliberalmente pelo desgastado e equivocado ‘direito de ir e vir’. É território porque é feito de gente, ocupando e inventando a vida, a vida que ainda está por vir, imprevisível, porque ainda não foi inventada. E qualquer um pode fazer isso. Isso é micropolítica. Política menor, política das minorias. É a criação de “linhas de fuga”, pelas quais se escapa, inventando... novas subjetividades, novas formas de vida. (ASPIS, 2017, p. 71)

Se um espaço é ocupado por corpos, compõem-se um território, vivo. Esses corpos habitantes desse espaço não invadem, ocupações não são invasões. Só existe o território com gente. Corpos criam territórios, linhas de fuga, nas ocupações das escolas ou na ocupação de outros espaços. Corpos transitam por entre espaços, ruas e vielas inventando vidas.

No movimento das ocupações, cercada por esses corpos vivos que criam e resistem, inventando vidas, surgiram em mim novas formas de existências. A partir desta experiência vivida no contexto da ocupação algo movimentou possibilidades em mim, além de forjar percepções até então inexistentes, buscando compreender as diferentes maneiras que um corpo pode compor, ocupar. Perceber a escola como um espaço político, de resistência e (re)existência, espaço de formação de seres políticos e sociais, mas também como um espaço de expressão, criação e experimentações. Essa percepção foi de grande importância para dar voz aos meus desejos e vontades. Foi nesse contexto que meu trabalho de conclusão de curso foi elaborado.

Optei por trabalhar com arte de rua, pois percebi dentro das escolas secundaristas, a presença do pixo e do grafitti como formas de expressão não só artística, mas também de resistência, além de ser uma arte que me movimentava por se dar no “fora”, fora das galerias, fora das normas, cobrindo de cores cidades cinzas, povoando. Em meu trabalho intitulado "A experimentação do Pixo pela fotografia" citando Nogueira (2009), comentei:

Escrever nas paredes não é algo característico das sociedades atuais, de acordo com Nogueira (2009) desde a antiguidade se tem registros nas paredes, como um sinal de protesto ou apenas como maneira de se expressar, como nas pinturas rupestres e murais egípcios. É possível entender o pixo como uma continuidade, a necessidade de se fazer ouvir. (SILVA, 2018, p. 7)

O pixo é uma arte intrínseca às nossas sociedades, se faz presente desde a antiguidade, as marcas nas paredes me tensionam a pensar na necessidade de se fazer ouvir ou de se fazer visto, contar histórias, expressar ideias. Sendo assim, para o meu trabalho de conclusão de curso propus, pensar com experimentações, experimentar o pixo, e assim, forjar novas possibilidades de perceber e sentir o pixo, pensando e criando atravessamentos possíveis e impossíveis.

Foi pensando nas diversas formas que o pixo têm de afetar, que meu trabalho foi construído, tendo como intuito me lançar a experimentações com fotografias dos pixos, que foram registradas pela cidade, onde busquei fugir e até negar a representatividade, criando novas possibilidades de afetar, promovendo novos encontros com esta arte urbana.

O trabalho se deu como “um convite para perceber o pixo, além do que se vê e se fotografa. Um convite para sentir. A (re)significação das imagens, imagens que não tem a intenção de representar o pixo, mas sim de gerar perceptos e afectos” (SILVA, 2018, p.8). Para isso, entrei em processo criativo de diferentes maneiras, num primeiro momento, fazendo fotografias dos pixos pela cidade, num segundo manipulando as fotografias registradas e, por fim tecendo uma escrita por afectos, sobre como essas fotografias e suas manipulações haviam me atravessado.

Parte essencial para a realização do meu trabalho foi o encontro com a filosofia da diferença, especialmente com as obras de Deleuze e Guattari. Esse encontro foi proporcionado pelas reuniões do UIVO: matilha de estudos em criação,

arte e vida², grupo de pesquisa que frequento desde os últimos períodos da minha graduação. Com o Uivo tive oportunidade de vivenciar a arte em conexão com a filosofia e a biologia.

Meus encontros com as diferentes formas de arte dentro do contexto acadêmico, foram de suma importância para chegar até aqui. Roberto Machado (2009), ajuda a compreender em seu livro *"Deleuze, a arte e a filosofia"*, que a filosofia deleuziana, forja relações entre domínios heterogêneos, pois o filósofo francês não foca a sua atenção apenas no pensamento filosófico, entrelaçando com sua filosofia campos como a arte, a ciência e a literatura. Pois, são campos que dispõe de pensadores e da construção de pensamentos, percebendo que, o pensamento não é exclusividade da filosofia, mas sim uma característica de qualquer campo do saber.

Deleuze elabora sua própria filosofia levando em consideração ou incorporando conceitos provenientes de outras filosofias que ele situa no espaço da diferença, mas também criando conceitos a partir do que foi pensado, com seus próprios elementos, em outros domínios. Assim, ao considerar as ciências, a literatura e as artes, Deleuze está sempre realizando seu projeto filosófico de constituição de uma filosofia da diferença, sem que haja uma diferença essencial entre esses estudos e os estudos de textos filosóficos. (MACHADO, 2009, p.193)

A partir do interesse na filosofia das diferenças, especialmente nas conexões que ela estabelece com a arte, possibilitou pensar também uma educação e a educação em biologia, permeada pela filosofia e pela arte. Emergiram conexões, que desenharam linhas e caminhos: um mapa começou a ser traçado. E nesse mapa, os encontros foram registrados como acontecimentos.

Em suas obras Deleuze comenta em diversos momentos sobre o exercício da escrita, a literatura, o livro e a criação. Seus estudos são atravessados de diferentes maneiras pelos campos da literatura e da linguagem. No seu livro *Crítica e Clínica*, Deleuze apresenta a escrita como um devir³, inacabado:

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num

² uivo grupo de estudos da ufu

³ De acordo com Zourabichvili em *"O vocabulário de Deleuze"*, o devir é o "encontro ou a relação de dois termos heterogêneos que se 'desterritorializam' mutuamente. Não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a 'faz fugir'" (2004, p. 24-25). Ou seja, o devir não é uma imitação, mas sim, a relação entre diferentes, que forja novas formas de vida.

devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. (DELEUZE, 2011, p.11)

Se escrever é estar sempre em devir, é importante pensar que “não existe devir majoritário, maioria não é nunca um devir” (Deleuze, Guattari, 2011, p. 56). Portanto, o devir é sempre minoritário, não é possível estar em um “devir-homem” pois o homem é uma figura dominadora, está em posição de superioridade, em contraponto, os devires possibilitam a construção de linhas de fugas, intensidades, o devir está nos entres, nos meios, nas brechas.

Deleuze (2014) apresenta a literatura como uma enunciação coletiva, sempre de povos menores. A literatura é um delírio, um delírio coletivo e todo delírio é histórico-mundial, sendo colocado em evidência, para assim pensar novos modos de existências e possibilidades de vida. Esse delírio arrasta a língua para uma minoração da língua maior, fugindo dos sistemas dominantes. Importante ressaltar que “não existem dois tipos de língua, mas dois tratamentos possíveis de uma mesma língua” (Deleuze, Guattari, 2011, p. 52), sendo assim, é a maneira de tratar a língua que pode levar a sua minoração.

Ao longo do trabalho, proponho a me lançar a experimentações, movimentada por diferentes expressões artísticas, essas experimentações se darão por entre as brechas, produzindo o impensável, fazendo o uso de materiais carregados de um caráter menor. E para essa imersão nas experimentações, trabalhando com o que vem antes do pensável, o conceito de experiência pura de William James e que David Lapoujade o atualiza, ajudará a pensar na ideia de experimentação.

Também com Lapoujade em seu livro “Existências mínimas”, as experimentações buscavam as existências fragilizadas que necessitam de esforços para que se façam reais. Exercícios para que se tornem perceptíveis e valoráveis:

São provavelmente as existências mais frágeis, próximas do nada, que exigem com força tornarem-se mais reais. É preciso ser capaz de percebê-las, de apreender seu valor e sua importância. Portanto, antes de colocar a questão do ato criador que permite instaurá-las, é preciso se perguntar o que é que permite percebê-las. (LAPOUJADE, 2017, p.41)

A partir das experimentações criei através dos afetos que me atravessavam, permeando também a minha história e a história e a realidade de tantos povos e

seres entendidos como menores. Me permitir criar, para assim, possibilitar novas realidades a essas existências mínimas, além de forjar conexões e maximizar a voz dessas existências menores, e assim, questionar: como perceber essas existências mínimas?

Portanto, este trabalho acontece pelos devires minoritários, considerando as vivências de seres que ocupam espaços menores, em refúgios, com o intuito de dar voz a esses povos, não apenas humanos, mas aos não-humanos também. Ecoando possibilidades do que se faz “menor”, através desses deslocamentos, com a intenção de nos arrancar dos eixos e das dicotomias, para pensar novas possibilidades, novas formas de existência, novos reais. Criar o impensável, mas sem a pretensão de produzir algo fechado, pois, percebo a pesquisa sempre em vias de se fazer.

EXPERIMENTAÇÕES

É preciso falar da criação como traçando seu caminho entre impossibilidades...[...] A criação se faz em gargalos de estrangulamento [...]

Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível.

(DELEUZE, 2013, p.171)

Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer

(DELEUZE, 2013, p.136)

É pensando nas impossibilidades, sendo arrastada por impossíveis, que me proponho a criar um possível. Para essa pesquisa pretendo me lançar a experimentações, dando passagem à criatividade que movimentada pelas conexões forjadas ao longo de uma vivência, possibilitou-se o criar, experimentando a partir do impensável. O experimentar neste trabalho, se diferencia dos experimentos conhecidos dentro das disciplinas de ciências experimentais, o experimentar aqui, se apresenta como um tipo de arte das composições e se dá a partir de encontros.

Neste presente trabalho, pretendo experimentar pelas brechas, fissuras, buscando dar vida e voz a objetos e materiais antes considerados inúteis, descartáveis, a partir do encontro com eles. Como criar com o que está de lado? largado? abandonado? Como fazer emergir as existências mínimas? Quais possibilidades de produção podem se abrir? Como repensar uma biologia através dessas experimentações? Perguntas que não tenho a pretensão de esgotá-las, mas sim de usá-las como motor que movimentaram a pesquisa e as experimentações. Tendo como vontade e desejo viabilizar o pensamento de uma educação em biologia pela e na experimentação.

A partir dessas experimentações, busco possibilitar e tensionar novas percepções sobre a educação em biologia, por uma perspectiva outra, uma biologia outra, uma educação outra. Todos os processos criativos e materiais que compõem

essas experimentações, compõem também camadas, e é através dessas camadas que encontro a possibilidade de imersão e a emersão de pensamentos em biologia e educação. Como pode uma experimentação conduzir a emersão de uma nova forma de educar em biologia? Experimentações como um convite, um caminho para a diferenciação, para cruzar novas linhas e encontrar novas sensações?

Quais sensações possíveis de uma biologia pensada a partir de experimentações? Quais sensações possíveis de um ensino a partir de experimentações? Estar em sala de aula já é um eterno experimentar, vivências, sensações, mas como poderia se dar o papel do docente a partir de um experimentar que abarque os processos educativos? Do ensinar e aprender? Deixar fluir possibilidades e emergir biologias. Como possibilitar uma docência em experimentação?

Sinto a criação, como um devir, como ato de resistência dos povos menores, povos que traçam caminhos de resistências e possíveis por entre a maioria, forjando espaços menores, tendo assim, acesso a possibilidades de criação de vida. Deleuze (1999, p.13) em uma palestra denominada "*O ato de criação*", cita o filósofo André Malraux, ao dizer que a arte "é a única coisa que resiste à morte", e a partir disto, Deleuze estabelece uma relação entre a arte e o ato de resistência:

Poderíamos dizer então, de forma mais tosca, do ponto de vista que nos interessa, que a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste. Daí a relação tão estreita entre o ato de resistência e a obra de arte. Todo ato de resistência não é uma obra de arte, embora de uma certa maneira ela faça parte dele. Toda obra de arte não é um ato de resistência, e no entanto, de uma certa maneira, ela acaba sendo. (DELEUZE, 1999, p.13)

A obra de arte dá voz a um povo que ainda não existe, citando Paul Klee, Deleuze elucidada:

A relação mais estreita possível e, para mim, a mais misteriosa. Exatamente o que Paul Klee queria dizer quando afirmava: "Pois bem, falta o povo". O povo falta e ao mesmo tempo não falta. "Falta o povo" quer dizer que essa afinidade fundamental entre a obra de arte e um povo que ainda não existe nunca será clara. Não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe. (DELEUZE, 1999, p. 14)

E é criando, e é a partir das experimentações que percebo e trilho caminhos, por entre espaços tidos como maiores, forjando existências, saindo dos eixos. Com o auxílio de diferentes tipos de artes e do meu encontro com elas que pretendo alcançar com esse trabalho, experimentando, compondo, criando, resistindo. Pensando, compondo e criando a partir de um local menor, possibilitando assim um pensamento em biologia que abarque as minorias, pois a consciência minoritária é capaz de criar, em devir.

Certamente as minorias são estados que podem ser definidos objetivamente, estados de língua, de etnia, de sexo, com suas territorialidades de gueto: mas devem ser consideradas também como germes, cristais de devir, que só valem enquanto detonadores de movimentos incontroláveis e de desterritorialização da média ou da maioria. [...] Há uma figura universal da consciência minoritária, como devir de todo o mundo e é esse devir que é criação (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 56).

Minorias como germes, cristais de devir, devir que é criação, devir-criar!

Crio para resistir, resisto para criar!

Resisto por ser mulher, lgbtqi+, brasileira em meio à crise sanitária, social, econômica e ecológica que vivemos. Resisto pensando e acreditando nas possibilidades de uma existência atravessada pelo afeto e a arte. Resisto por ser potência.

Por entre artes e biológicas e educação e filosofia proponho essas experimentações, que buscam espaços e brechas onde minhas criações possam ganhar potência e adquirir velocidade, transbordando, contaminando, contagiando. Experimento de diversas maneiras, experimento a escrita, o desenho, o bordado, a manipulação de objetos obsoletos e o que mais surgir e me arrebatam.

Experimento a partir do meu encontro com objetos, emoções, me aproximando do que William James chama de “experiência pura”. David Lapoujade em seu livro “William James, a construção da experiência”, comenta que:

A experiência pura é a experiência apreendida do ponto de vista do acontecimento. Ora, o acontecimento surge na intersecção do encontro sujeito/objeto (se privilegiarmos essa relação), no entre-dois, mas antes que eles estejam ali: é por isso que o acontecimento não é a sua fusão; ele os precede. Sujeito e objeto são seus sucedâneos. (LAPOUJADE, 2017 p. 31)

De acordo com Lapoujade (2017, p.39), os acontecimentos para a experiência pura, são choques, ou seja, “entre o mundo e nós há um choque incessante que nos força a acreditar na sua exterioridade pela sua própria brutalidade e seu caráter inesperado”. O que significa que há sobre a experiência algo que escapa do nosso controle, pois a realidade é independente. O autor cita James quando diz:

O mundo que experienciamos (também chamado de ‘campo de consciência’) surge cada vez com nosso corpo como centro, centro de visão, centro de ação, centro de interesse. Onde o corpo está é ‘aqui’; quando o corpo age é ‘agora’; aquilo que o corpo toca é ‘isto’; todas as outras coisas são ‘lá’; ‘então’; ‘aquilo’. Essas palavras, que realçam a posição, implicam uma sistematização das coisas em referência a um núcleo de ação e de interesse que reside no corpo [...]. O corpo é o olho do furacão, a fonte das coordenadas, o lugar constante das acentuações em todo esse curso de experiência. Tudo está a sua volta e é sentido a partir do seu ponto de vista. A palavra “Eu” é, então, primordialmente uma palavra de posição, exatamente como ‘isto’ e ‘aqui’. (LAPOUJADE, 2017, p. 41-42)

Portanto, percebo o ‘Eu’ como um ponto, um núcleo de ação, uma palavra de posição, tanto que de acordo com o Lapoujade (2017, p.42), não existe “o corpo é eu”, mas sim, “o corpo me pertence”, sendo que é “a consciência que pensa, mas é o corpo que limita o que eu posso pensar, o que está em meu poder de pensar”. Assim, formo mapas daquilo que o corpo pode.

Ao me deitar e fechar os olhos, um turbilhão de ideias pairam na minha cabeça, zigzagueando em possibilidades, ideias correm de um lado para o outro como numa cena de completo caos, ideias se trombam, se fundem, correm e escorrem, ideias rápidas, que passam pela mente como estrelas cadente, se não segura-lás, escapam. Há apenas uma única chance de capturá-las, fotografá-las, mapeá-las. O caos precede a criação e eu me coloco, imersa em caos, estrangulada por impossibilidades.

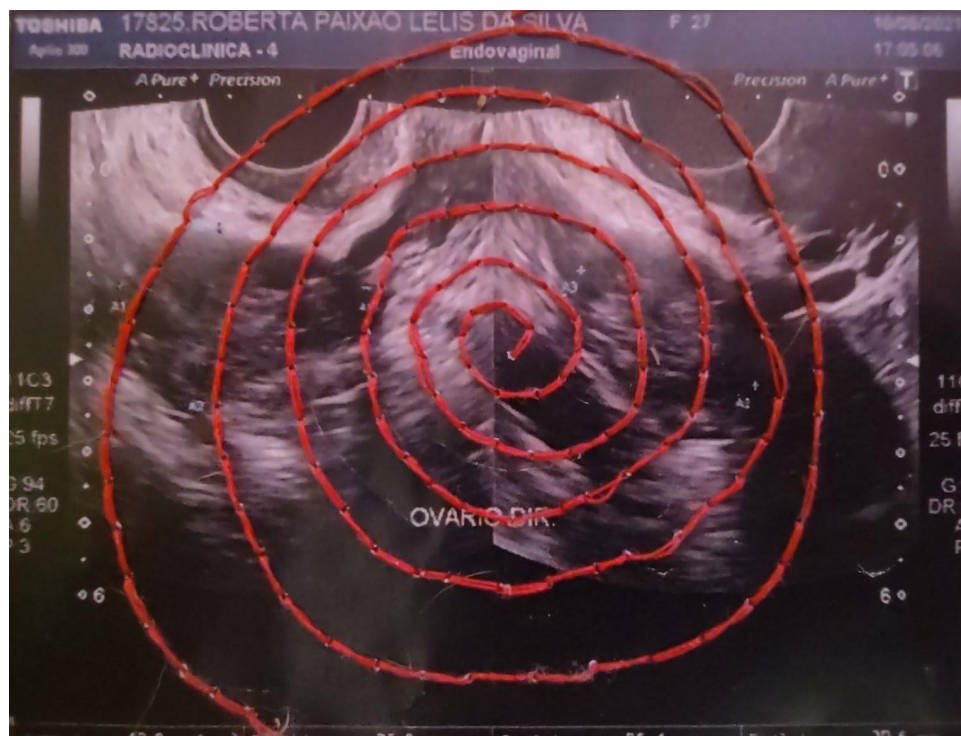
Bordados nos (V)entres

“Acordei hoje com tal nostalgia de ser feliz. Eu nunca fui livre na minha vida inteira. Por dentro eu sempre me persegui. Eu me tornei intolerável para mim mesma. Vivo numa dualidade dilacerante. Eu tenho uma aparente liberdade mas estou presa dentro de mim. Eu queria uma liberdade olímpica. Mas essa liberdade só é concedida aos seres imateriais. Enquanto eu tiver corpo ele me submeterá às suas exigências. Vejo a liberdade como uma forma de beleza e essa beleza me falta.

(Lispector, 1978, p.40-41)”

É com esse trecho de Clarice Lispector, da obra literária *“Um sopro de vida”*, que inicio essa experimentação. Trago esse trecho, pois ele me instiga a pensar em como um corpo pode ser prisão, estamos presos aos nossos corpos, indissociáveis, mas também penso que o corpo pode ser lar, ponto de referência em acolhimento, o exato ponto no qual nos situamos e por onde experienciamos a vida. A vida é experimentada a partir do corpo, pois o corpo, é o olho do furacão.

Começamos....



Para essa experimentação, pensei o corpo, os corpos, corpos possíveis e reais, além das possibilidades que se apresentam diante do que é ser detentoras de um útero. Para além disso, pretendo pensar diferentes pontos do corpo, revirando-o ao avesso, vendo o dentro e o fora, interior-exterior, interno-externo, dentro-fora como o passar da agulha que vai dançando por entre os furos, visitando o avesso e o “desavesso”.

O entrar em experimentação aconteceu na e pela disciplina "Conexões entre Ciências, Artes e Culturas", cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Tal disciplina me movimentou em diversos encontros, não apenas com os textos acadêmicos, mas também, com as produções artísticas e acadêmicas, além dos momentos assíncronos e encontros com os diversos materiais disponibilizados pelas professoras e estudantes. Vivemos a disciplina em um contexto caótico e pandêmico e neste espaço:

[...]encontramos ninhos e criamos refúgios para pensar em um co-existir em afetos. Produzimos narrativas em meio ao caos e escombros de um país e mundo que já não se sabe mais até onde existe ou não. Uma mistura de espera pelo que vem e tentativa de forjar algo novo mesclam-se à angústia de um presente insustentável. (SALES, ALVES, LOURENÇO, SILVA, BORGES, ESTEVINHO e CARVALHO, 2021, p.234)

Arrebatada pelo artigo de Nicole Borges e Lucia Estevinho (2021), que se propuseram experimentar, bordando possibilidades, fazendo o uso de fotografias e cadernos de campo que registravam os afazeres de uma pesquisa com abelhas em sua relação com plantações de tomate. Borges e Estevinho (2021), forjaram refúgios a partir de fotografias bordadas, e a partir desses refúgios possibilitaram a expansão dos olhares, forjando novas conexões com a biologia, a partir da arte.

Entre amarras e emaranhados, peguei uma ponta e fiz um laço. A pesquisadora que participou das pesquisas em ecologia, agora olha para as fotografias: abelhas, tomates, pesquisadores, agricultores; narrativas em uma outra perspectiva, em um processo de mudança e transformação, contando histórias de uma paisagem que se abre para uma nova leitura. Entremeando e unindo trabalhos de diferentes áreas em uma possibilidade de enxergar o novo, ou o que não está óbvio, como as conexões com a educação e com a arte. (BORGES, ESTEVINHO, 2021, p.4)

O encontro com esse trabalho, me inspirou a me lançar em penhascos e me jogar no abismo, sem me preocupar com o fim ou o fundo. Me convidou a olhar com

“novos” olhos para imagens do meu útero - provenientes de uma ultrassonografia transvaginal que tinha como intuito conferir a localização de um “DIU” (dispositivo intrauterino) recém colocado bordando e criando.

Portanto...

Decidir vir como agulha

Forçando a extremidade do meu corpo, contra uma superfície sólida

buscando meu espaço

Forjando caminhos

Criando buracos e refúgios

Cavando tocas

Eu faço o meu espaço, eu desenho meu caminho

Por entre mapas de sensações

Crio vontades, sinto desejos

Forjo sensações

Num mar-tecido, mergulho

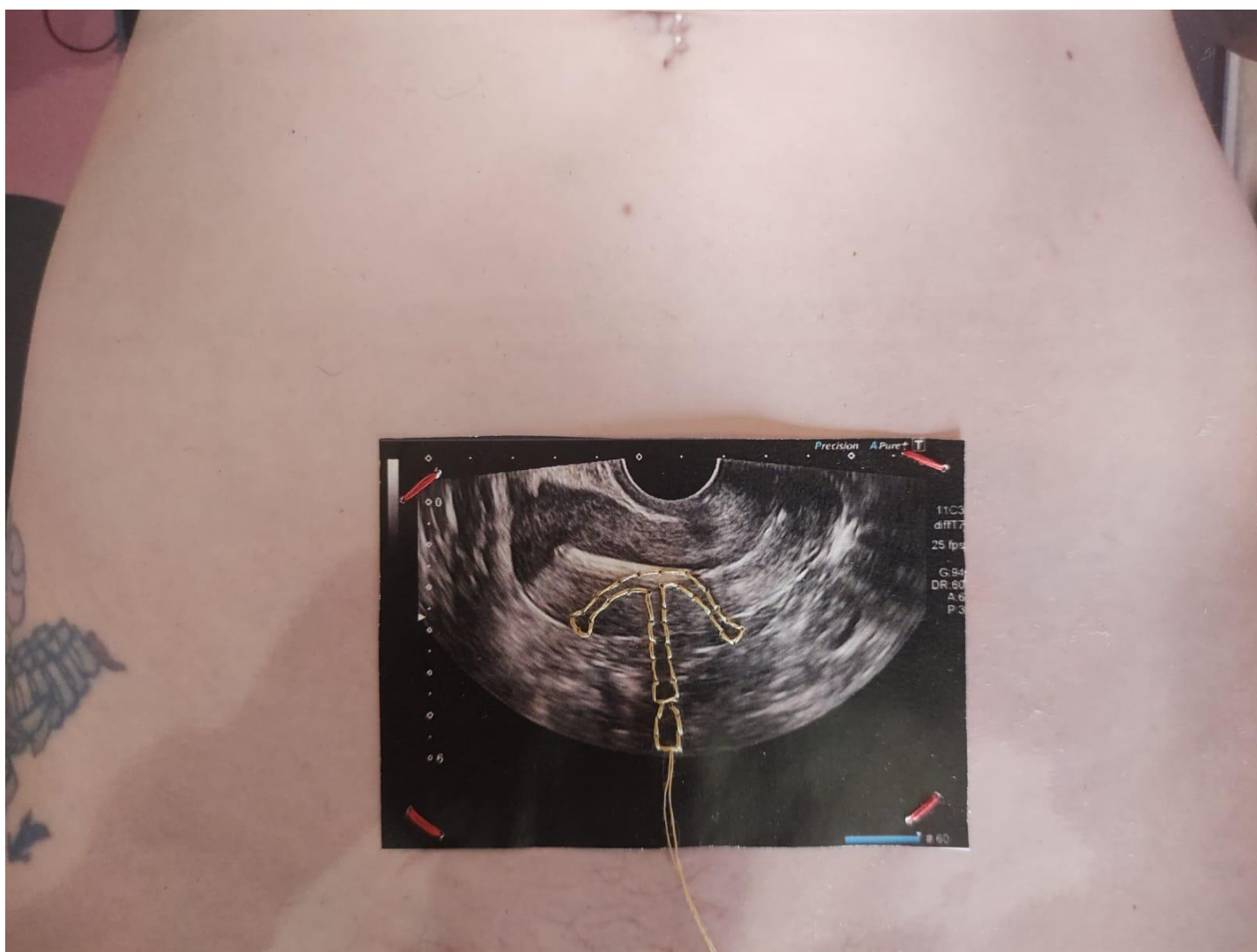
Num céu-tecido, me lanço a vôos

Através dos bordados, amarrada pelas linhas e conduzida pela agulha, forjei novas conexões que me proporcionaram o ímpeto de criar. Imagens que sem os bordados, sem as cores, seguem com uma rigidez laboratorial, impessoal, asséptica. Me questiono se por trás daquela imagem-útero existe uma pessoa, mas, será isso relevante? Bordei marcas no que já era eu, ressignificando a minha história e trajetória, possibilitando novos rumos, criando novos mapas.

Ul.tras.so.no.gra.fi.a - Método de diagnóstico por imagem que permite a visualização dos órgãos internos e a avaliação dos fetos, em tempo real, utilizando

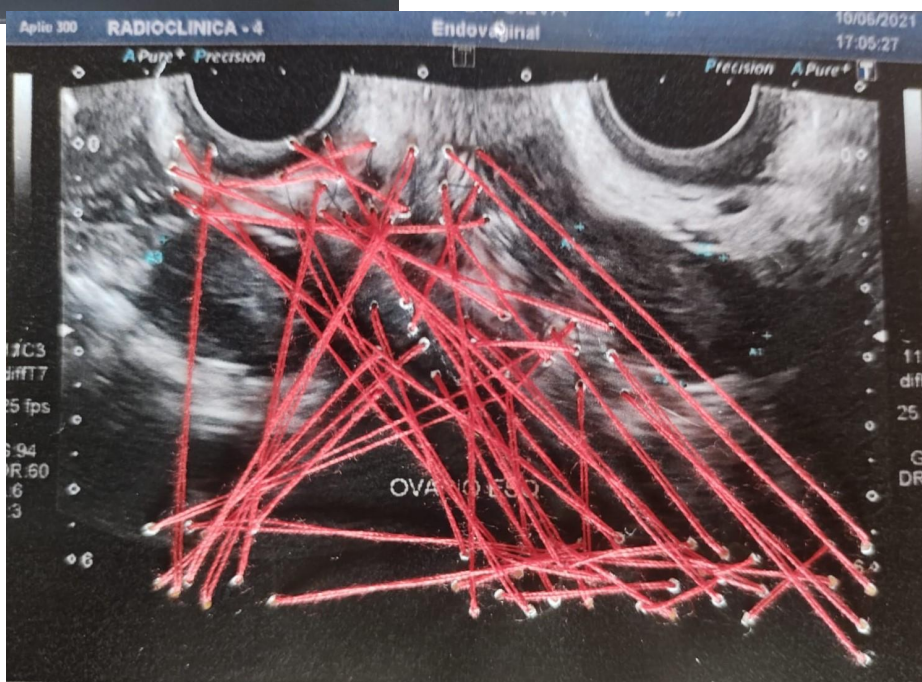
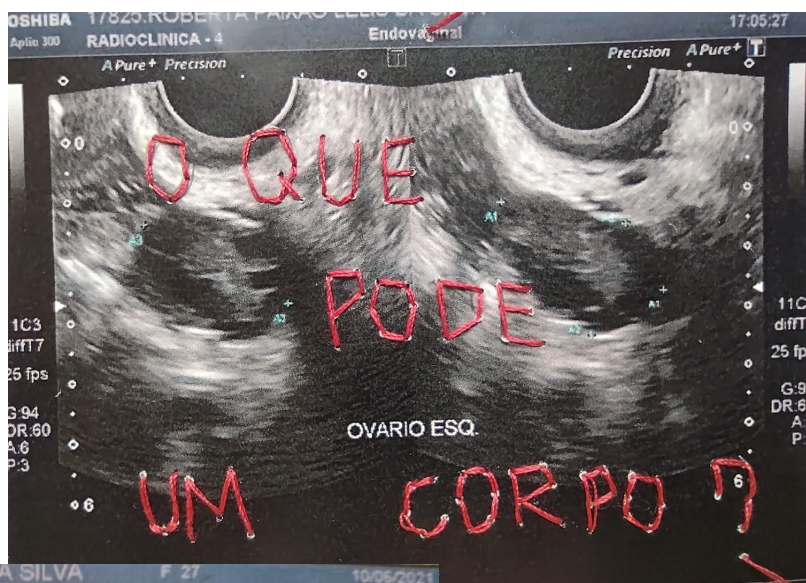
ondas sonoras de altíssima frequência, que são interpretadas por meio da computação gráfica; ecografia, ultrassom¹.

Imagem que ecoa, sinto as ondas sonoras percorrerem os corpos, atravessando-os, bordo frases e palavras que me movem. Percebo uma onda que percorre meu útero, transbordando-o. Consegue ver o som das coisas? o som dos órgãos? As ondas sonoras percorrem meu útero, vibrando em intensidades e potências, criando. Frequências sonoras forjam imagens interiores, imagens úteriores, desenhando. O som ecoa como um zumbido, produzindo reais....



¹ULTRASSONOGRRAFIA. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ultrassonografia>. Acesso em: 06/10/2021

Assim, me organizo para desorganizar



desorganizo... produzindo reais, irreais

desorganismo...

des

organismo

logo o corpo que sempre foi desorganizado

Organizaram

Classificaram

Sujeitaram

Significaram

mas o corpo é intenso em potências

implora desorganização, sem hierarquias corpóreas

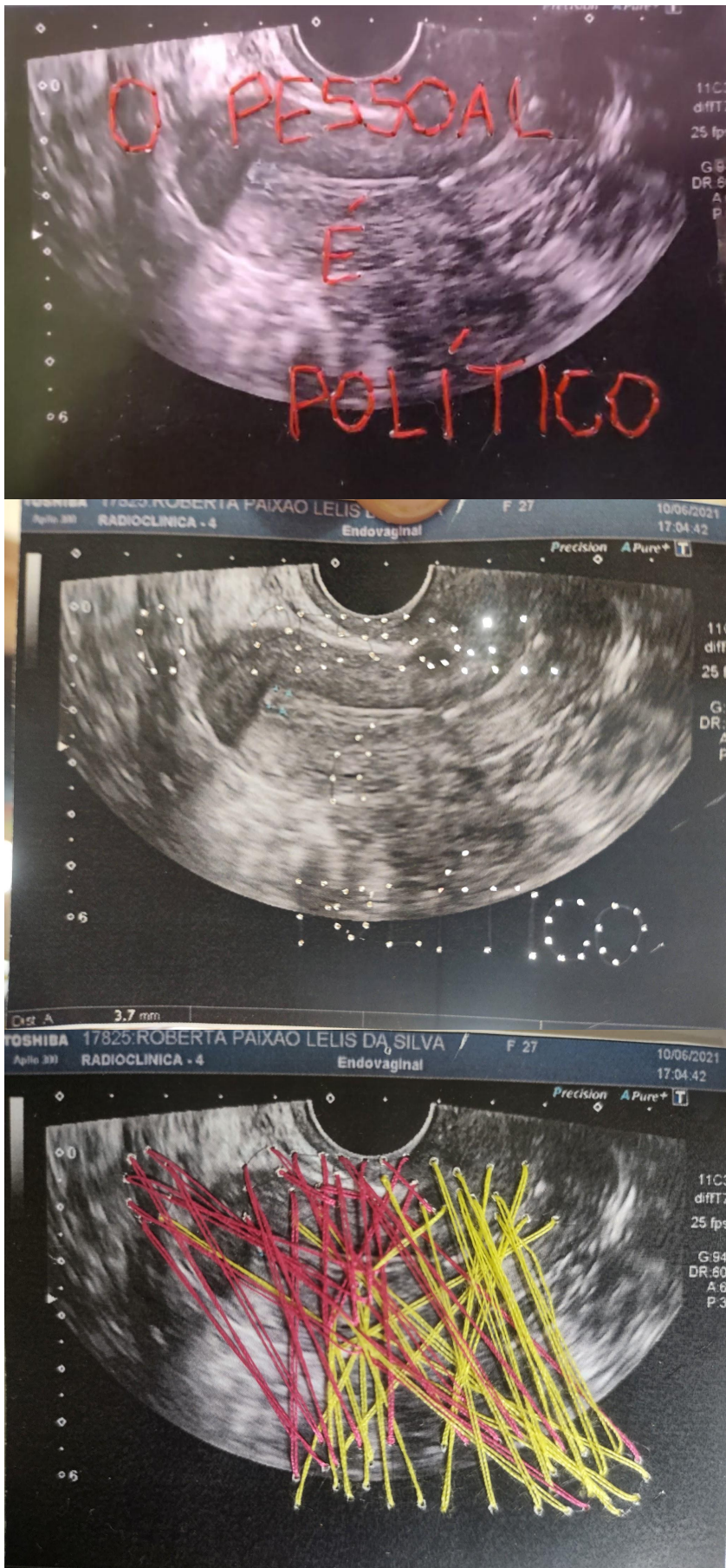
desorganizo o organismo, produzindo um des(organismo)

um corpo desorganizado

desorganização organizada, orgânica...

Desfazer-se do organismo,

abrindo-o e lançando-o a conexões



Desfaço meu percurso e refaço
pontos pré estabelecidos... mas deliro
Fugindo das normas, quebrando regras
Crio caminhos
desenho florestas
Refaço meu caminho em um devir-agulha
Passo por todos os pontos em desordem
Criando uma nova trama
Novas tramas, novos reais

Com uma linha desejanste, crio mapas com inúmeras saídas e entradas. Saio aos poucos de mim, abandono e retorno, idas e vindas, em devir.

Permito me arrastar para o que há de mais íntimo, interior, menor. Acolho-me. Bordando em meu quarto, um espaço todo meu, espaço em que me permito, onde produzo, penso, descanso, vivo. Trago um poema da Cecilia Meireles (1942), chamado "*Reinvenção*", para compor junto com minha experimentação, poema que explora a reinvenção da vida, e que me remete muito a história das mulheres, cada vez que nos reinventamos, refazemos a nossa história, e delineamos os caminhos aos quais desejamos seguir e não os caminhos que nos são impostos.

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

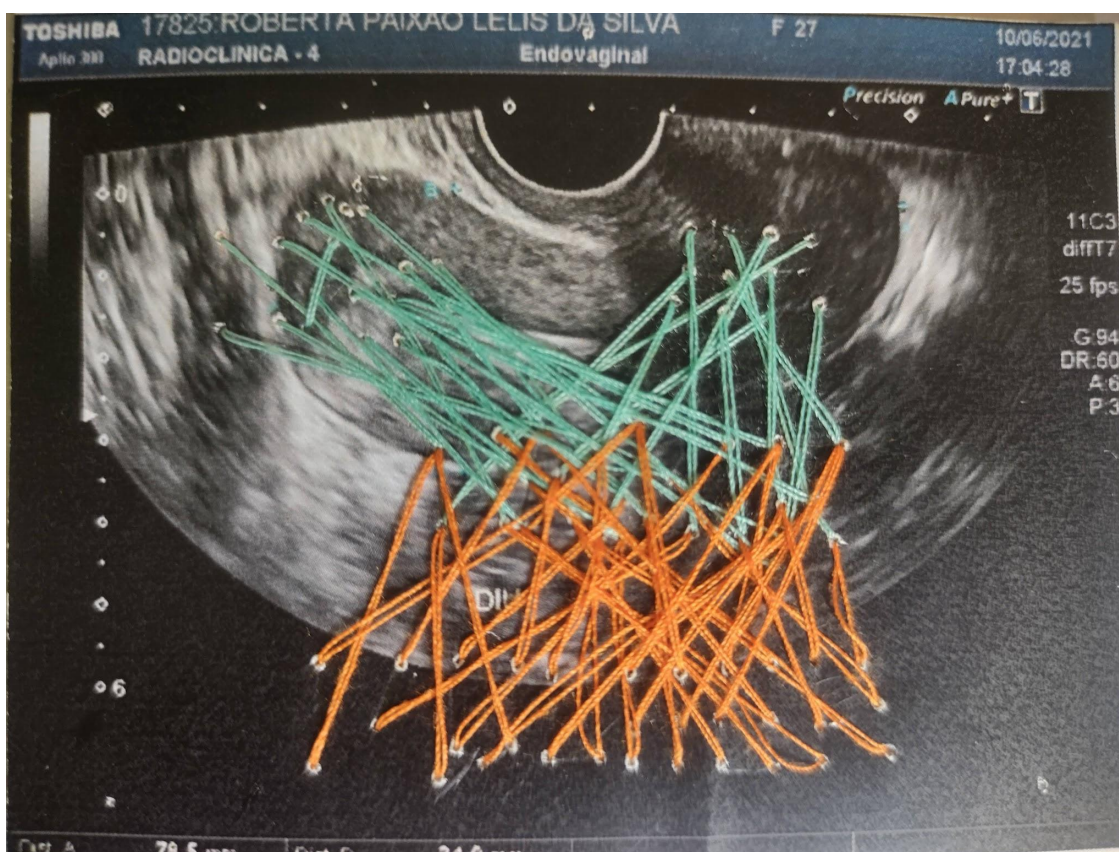
Não te encontro, não te alcanço...
Só — no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só — na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

(Cecília Meireles, 1942)

Recolho minhas partes
Jogadas ao chão
Me reconstruo
Me reinvento
Me monto e me desmonto
De formas diferentes

Tantas possibilidades de ser
Tantas possibilidades de vida
Hoje, serei eu
Amanhã, serei outra
Depois, talvez..
não seja nada



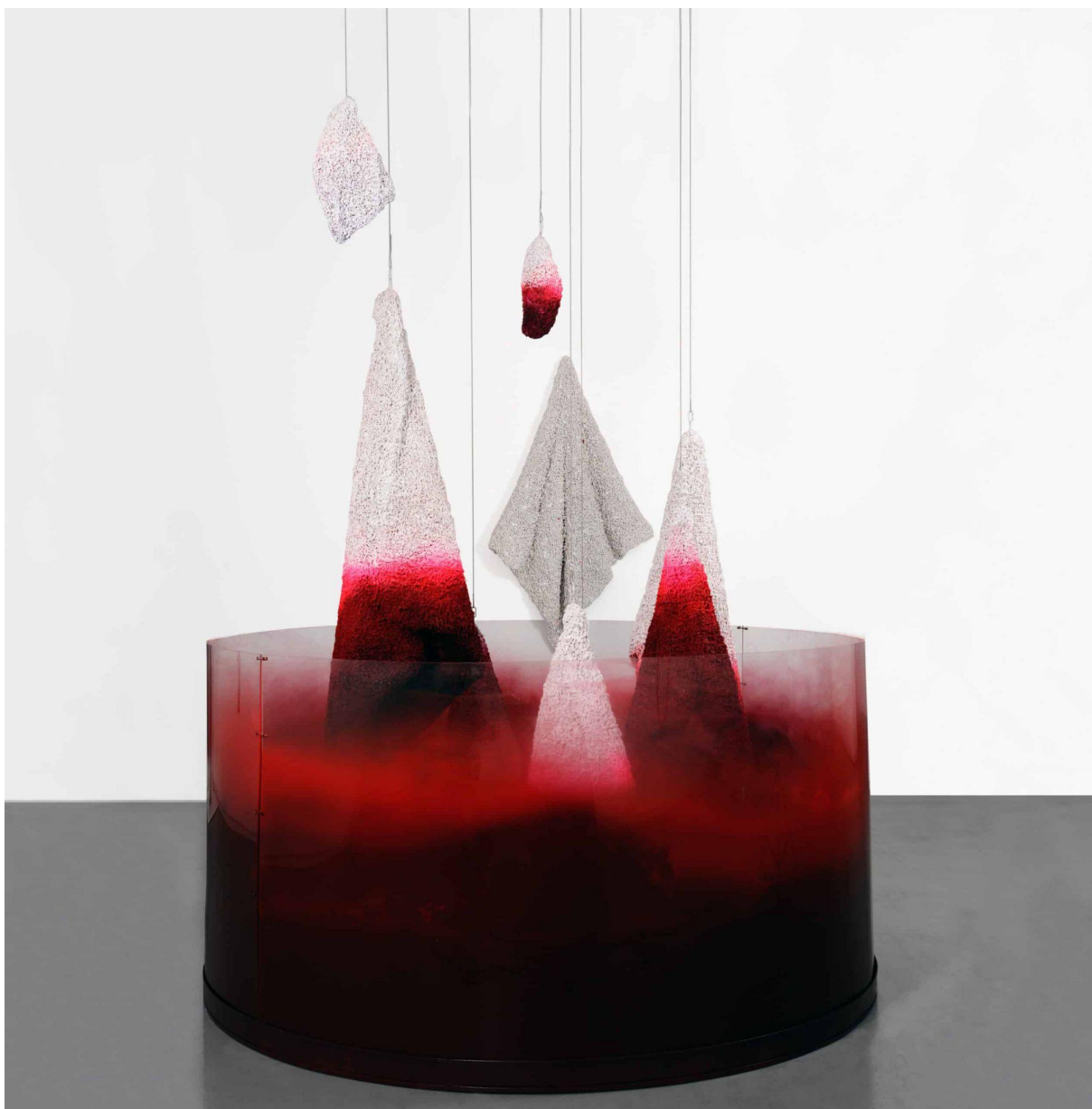
Mesmo sendo nada, me proponho a bordar e criar. Por que bordar? bordo para delinear caminhos, forjar passagens, desenhar histórias, inventar e reinventar possibilidades, inventar e reinventar vidas. Me balanço por entre a vida e construo espaços, deixando o tempo me levar.

Desenhando ideias, a partir de linhas que possibilitam unir, o ato da criação, experimentações, uma educação e uma biologia, com o intuito de driblar as linhas duras do ensino tradicional em biologia. Pensando em possibilidades de ver os corpos e suas histórias de maneiras inusitadas, corpos que são marcados, traumatizados, mutilados e inferiorizados cotidianamente.



"Solid turn liquid" - Jane Lee

Pessoas portadoras de um útero, órgão que já vem carregado de tantos estigmas, tentam nos colocar dentro de caixas, dizem o que devemos fazer e como devemos fazer, diariamente nos tiram o direito de decidir sobre nossos corpos. Mulheres cis, homens trans e pessoas não-binárias que menstruam, são destituídos do poder de escolha, e morrem aos montes devido à abortos clandestinos.



“Pond series” - Jane Lee

Bordo meu corpo, meu órgão, minha história. Sempre tendo em mente que meu órgão ou minha genitália, não me definem. Sou mulher, pois me tornei, não

nasci. Muito se ensina sobre corpos, pouco se fala sobre o que um corpo pode acarretar. De acordo com relatório feito pela UNFPA² e pela UNICEF³, a pobreza menstrual faz parte do cotidiano de várias crianças e adolescentes que menstruam:

[...] a pobreza menstrual se refere a inúmeros desafios de acesso a direitos e insumos de saúde. Estes desafios representam, para meninas, mulheres, homens trans e pessoas não binárias que menstruam, acesso desigual a direitos e oportunidades, o que contribui para retroalimentar ciclos transgeracionais de inequidades de gênero, raça, classe social, além de impactar negativamente a trajetória educacional e profissional (UNFPA; UNICEF, 2021, p.4)

² Fundo de População das Nações Unidas

³ Fundo das Nações Unidas para a Infância

A minha experimentação é também um convite para pensarmos o corpo no ensino de biologia, e como uma professora militante pode assumir um posicionamento antisexista em práticas pedagógicas. Além de ser um exercício para pensar e reconhecer as multiplicidades possíveis dentro de um contexto micropolítico como a sala de aula. Quantas realidades existem? Quantos corpos transitam por entre as paredes de uma escola? Corpos esses muitas vezes negligenciados, invalidados e ignorados.

Qual a forma que percebemos e nos relacionamos com corpos? Quais tabus são impostos na nossa construção social, interferindo e moldando a maneira como nos percebemos? Como o ensino de biologia pode moldar essa relação com os corpos? Como a biologia pode ser uma potência para revertermos essa relação construída ocidentalmente, que forja corpos dóceis?

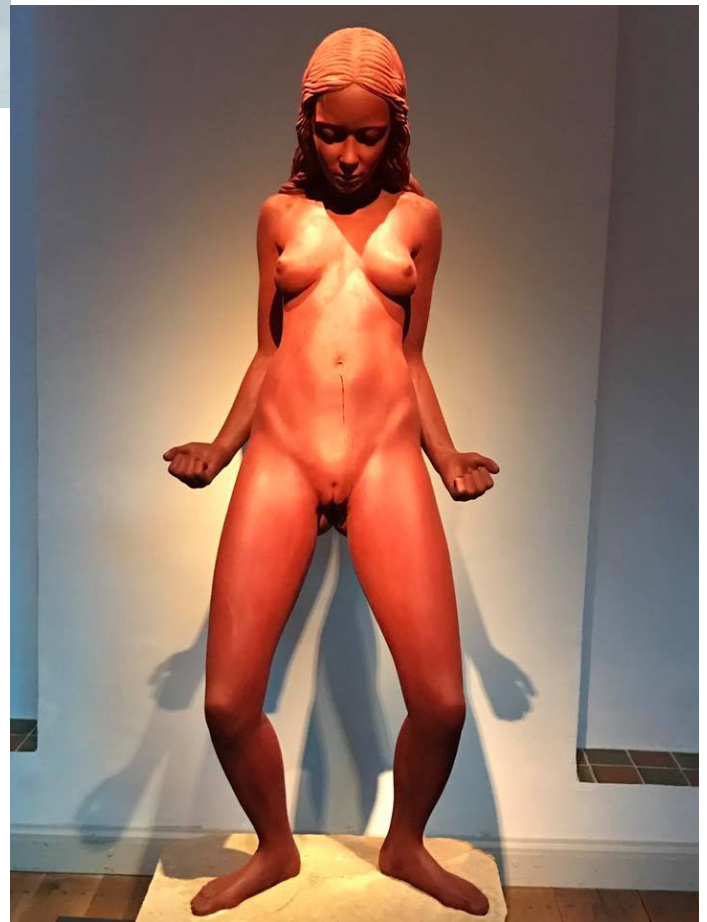
Desaprenda o que te prende.

Corpos são carregados de estigmas, escondemos cotidianamente nossos corpos. A nudez vista como algo pecaminoso, associada a perversão e temos também a mesma percepção sobre formas de arte que trazem questões de corpo, sexo e sexualidade. Obras de arte que afrontam as normas vigentes, são destituídas do seu caráter artístico, mas são nessas obras que podemos encontrar a potência para percebermos a vida e os corpos de uma forma subversiva, irreverente.

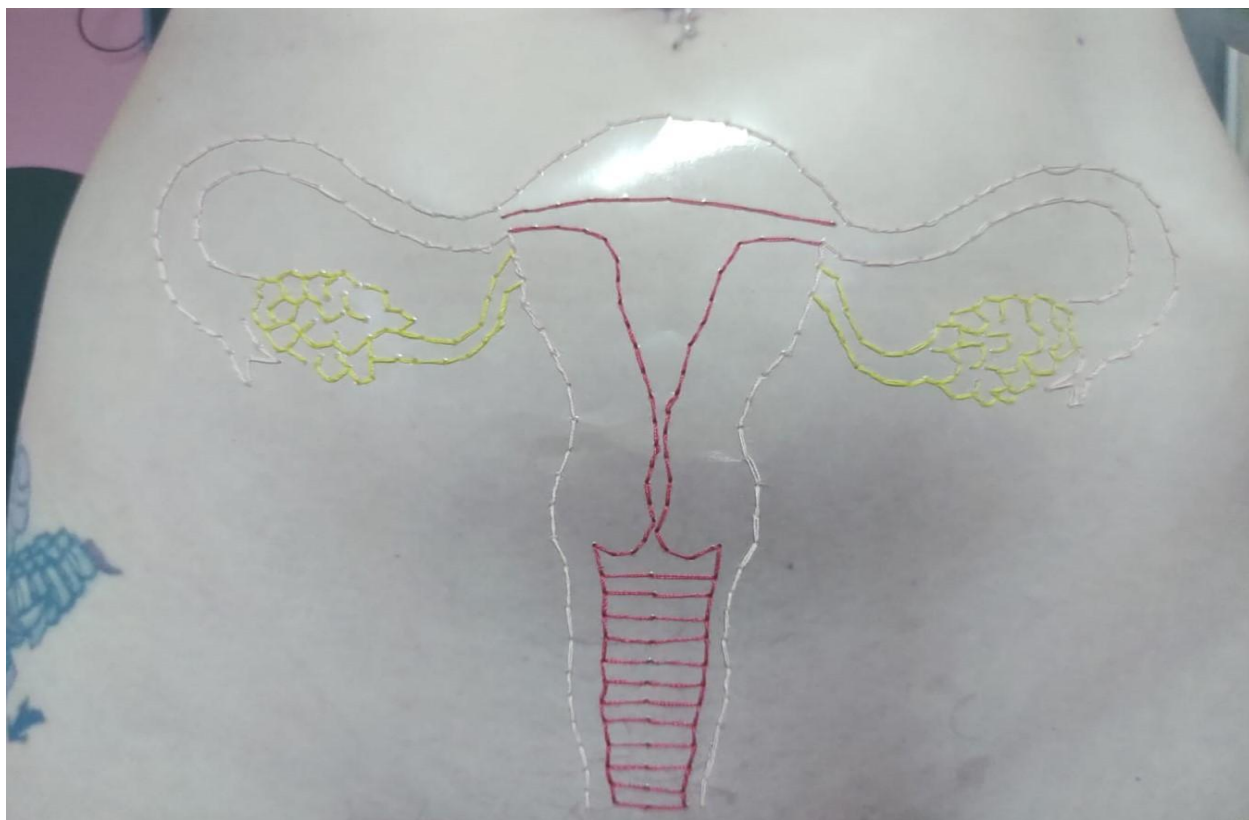


"Virgin of light" - Elisabeth Stienstra

"Virgin of mercy" - Elisabeth Stienstra



Quem se incomoda com os corpos nus?
Corpos despidos de roupas e de estigmas, seriam possíveis?
Despir um corpo ao nível mais íntimo,
desnuda-lo por completo.
Revirá-lo ao avesso,
tornando-o outro, irreconhecível.



Porque não caminhar com a cabeça, cantar com os sínus, ver com a pele, respirar com o ventre... Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre o seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou morte, juventude ou velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide. (DELEUZE, GUATTARI, 2012 p. 13)



Pensando com as entranhas, sentindo com as tripas, deixo contaminar esse trabalho com as obras da artista visual Adriana Varejão “Azulejaria Verde em Carne Viva” e “Língua em Padrão Sinuoso”. Em suas obras percebo o movimento de dentro para fora. Muros e paredes abarrotadas de tripas, que escorrem e transbordam. Azulejos que compõem locais de limpeza,

limpeza étnica, racial, higienismo.

Mas Adriana os arregaça, retirando-os todo o seu caráter asséptico, trazendo as cores e as tripas, contaminando o que a de limpo, com vísceras e sangue, fazendo-os escorrer. Como em em um cenário de guerra e destruição total, banhado de sangue e vísceras, essas produções rompem com a ordem e calma dos padrões dos azulejos, a tinta vermelha escorre, rasgando as paredes. Produzindo o caos em meio a padrões estéticos, destruindo-os, ressignificando-os.



Qual a diferença entre o que há dentro de nós e o que há dentro dos muros e paredes? Corpos duros, cimentados, construídos com argamassa, rígidos e controlados... Componho com um corpo rígido, tornando-o fluido... meu corpo como tinta escorrendo por onde passo, meu corpo como uma massa de modelar, moldável, flexível, me dobro e me contorço em sensações. Quais as sensações de uma biologia?

No entre e no fora das salas de aula, dentro da casa ou na rua, como esses corpos ocupam os espaços, e em quais espaços cabem esses corpos. No entre e no fora dos corpos, cabem essas realidades, as pessoas cabem em seus corpos, corpos são prisões ou abrigos? salas de aula são abrigos ou prisões? a biologia pode ser um abrigo? um refúgio? Ou uma prisão?

No ensejo de desvincular as narrativas da aparelhagem estatal e delinear caminhos outros através deste encontro, encontro da imagem impressa com a linha vermelha, com o bordado, o percurso da linha por entre os furos no papel, foi possibilitando novos percursos e novas narrativas. Movimentada pela vontade de criar, criações manuais, me arriscando, pois, entre os processos e furos, a linha embola, formando nós em muitos momentos cegos, o papel rasga quando um furo é feito muito próximo de outro.





Imagens que compõem o que pretendia ser uma instalação, impossibilitada devido ao contexto pandêmico, presas a grade através de um fio vermelho, o mesmo utilizado nos bordados, o intuito era dar a sensação de movimento, sensação de cor? Sangue? A falsa sensação de liberdade, os papéis se movem pelo soprar do vento, mas não vão longe, os fios embarçam, se entrelaçam e trazem as imagens de volta aos seus lugares, desordenados dentro de uma ordenação pré-estabelecida.

Essa sensação de falsa liberdade também me assola, me sinto desordenada dentro da minha ordenação. O corpo é livre? Eu sou livre? O que é liberdade? Perguntas até então, complexas demais para mim, talvez em algum momento seja capaz de respondê-las.

Seguimos tomando as linhas, pegando as rédeas, apertando os laços. Faço e refaço meus caminhos, atando os nós, cortando as pontas, bordando histórias. Me amarro e desamarro, não fico presa, com essas linhas construo pipas e me lanço a voos.

Uma biologia mais do que humana⁴

A cada dia cavamos uma cova mais funda enquanto humanidade. Na verdade, nesse momento essa palavra me parece um bocado esquisita! Humanidade seria a qualidade de ser humano? Que qualidade seria essa? O que todos os humanos compartilham? [...] Chega a ser engraçado pensar que essa palavra foi tantas vezes usada para falar de benevolência, compaixão. Se as “ajudas humanitárias” só chegam depois de catástrofes muitas vezes provocadas pelos próprios humanos... Guerras que não parecem ter fim. Desastres anunciados que se repetem incessantemente. Venenosa indiferença entre humanos. Nem o direito de se refugiar está assegurado. Conforta-me saber que o nosso fim pode ser, também, o fim desta trágica epopeia da aventura humana, tão cheia de injustiças.

(PEREIRA, MARTINS, PEREIRA, SAMPAIO, 2019)

Para essa sessão, trago uma experimentação que se deu com o intuito de movimentar o pensamento, nos lançar a novos rumos e assim possibilitar uma nova percepção acerca da biologia vigente. Pensar como a prática em biologia pode ser mais inclusiva e menos centralizada em demandas humanas. Possibilitando criar novas formas de nos relacionar com o que está ao nosso redor, com o que não é humano, ou é mais-que-humano. Além de criar novas formas de existências e (re)existências.

É recorrente o pensamento de que a natureza (assumindo natureza como tudo que é não humano, ou fruto dele) está a serviço da humanidade, mas a realidade é que ela não está, a natureza está na terra, tal qual nós estamos. Os animais, as plantas, os fungos, os minerais, as águas, são tão merecedores desse espaço compartilhado, quanto nós.

O termo “humanidade” nunca incluiu de fato todos os seres humanos, e sim se refere uma classe específica. Deixando não apenas de lado diversos corpos, mas criando uma oposição, como algo que nunca serão. Erin Manning, utilizando dos

⁴ Título inspirado no texto da Erin Manning, chamado “Em direção a uma política da imediação”

pensamentos da romancista jamaicana, Sylvia Wynter, nos ajuda a compreender a falta de inclusão no humano, como categoria:

O humano como categoria nunca foi realmente capaz de nos descrever, de nos incluir; estava lá como uma declaração descritiva para nos dizer o que não somos. Para aqueles que se encaixam perfeitamente dentro de seus limites nunca precisaram ser incluídos – eles já falam desde seu centro. E, no entanto, estes oradores da humano-centralidade, estes humanistas para quem o mundo é um local a ser governado, estes neurotípicos que já sabem o que significa saber, eles também são mais-do-que-humanos. Não há humano. Apenas, como Wynter poderia dizer, declarações descritivas que mantêm as epistemologias de segregação, violência e exclusão vivas. (MANNING, 2019 p.20)

Sendo assim o 'humano' para Manning e Wynter constitui uma ferramenta para a manutenção de epistemologias segregativas e exclusões. Portanto, é necessário criar formas de pensar em todos os seres que estão a mercê, nas bordas, sobrevivendo em refúgios, clandestinos, que existem no medo

Abandonar a categoria humano é também um ato descolonial, pois tal categoria se deu no contexto da colonização e é mantido por ela e pelo capital. Mas é importante ter em mente que a descolonização opera nos moldes coloniais de poder e conhecimento, portanto, devemos pensar em epistemologias outras, para assim transgredir categorias que garantem e conservam o 'humano' da maneira como a colonização designou (Manning, 2019).

Com isso percebo a necessidade de ensaiar novas biológicas, novas epistemologias, para assim retirar o conhecimento dos moldes coloniais ou fragiliza-los cada vez mais. Desmonto os elementos responsáveis pela manutenção da categoria humano, que para Manning já se apresenta mais frágil do que gostaria:

“A categoria do humano é mais frágil do que ela gostaria de aparentar. De fato, é tão incerto o lugar que ocupa que requer uma contínua politização: o humano, e o humanismo em geral, fica aterrorizado com o panorama que confronta com a abundância de modos de praticar, de tornar-se práxis. Como Wynter o enuncia, outros modos de existência podem ser criados para perturbar sua posição de centralidade. Para manter sua posição central como criadora e possuidora do mundo, uma vigilância deve ser praticada. E assim os sistemas políticos, históricos e jurídicos são criados e sustentados para manter a categoria no lugar e manter aquilo que a ameaça na beira.” (MANNING, p,13)

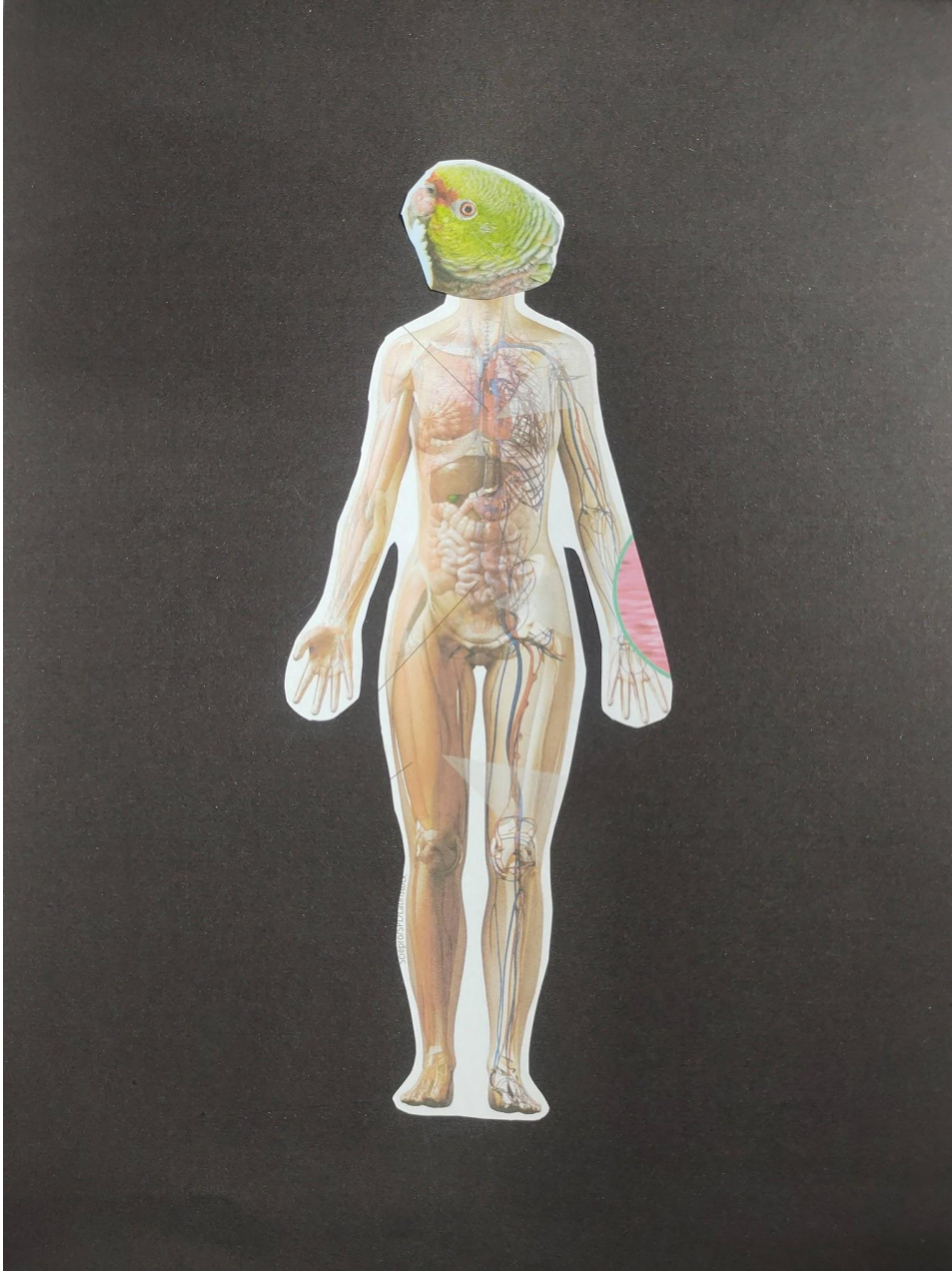
Diante dessas questões, uma experimentação foi forjada reverberando outras questões: É possível desumanizar a biologia? É vantajoso termos uma biologia centrada em apenas um dos animais? Qual o sentido de humanidade? Ainda neste raciocínio Erin Manning, questiona: “por que arriscar tornar toda existência uma existência mediada pelo humano, mesmo na forma de um personagem conceitual? “ (2019, p.18). Esta experimentação consiste em imagens compostas ou (de)composta a partir de um corpo humano, em colagem, sendo inundado pelos elementos que habitam a Terra-terra. O intuito é descentralizar a experiência do humano e com isso possibilitar uma descentralização da biologia. Todas as imagens utilizadas na colagem foram retiradas de livros didáticos de biologia ou ciências, que estavam em desuso por serem de edições antigas. A partir destas colagens, componho escritas e mesclo-as com obras da escritora Adriana Lisboa. Tais escritas pretendem fazer o movimento de descentralização, colocando outros seres, em posição de sujeito, no eu lírico.

Não tenho a intenção de falar por esses seres, são criações que tentam fazer reexistir essas existências. Criando e ficcionalizando, “numa tentativa de fazer re-existir coisas e pensamentos em um mundo que não cessa de se de-compor. E de-decompor, nesse contexto, diz tanto de algo que apodrece, chega ao fim, quanto de um re-começo, uma re-novação, uma re-composição do que está por vir, uma vida que surge da morte” (PEREIRA, MARTINS, PEREIRA, SAMPAIO, 2019, p.2) . Portanto de-componho o que tem de humano, possibilitando o compor-se de uma nova vida.

Desorganizar a lógica biológica, esquecendo as fisiologias e anatomias, humanas ou comparadas. Descentralizar a biologia, não para (re)centralizá-la em qualquer lugar, mas para possibilitar a ocupação de novos espaços. E se nós pensássemos como os fungos, enxergássemos como as bactérias, sentíssemos como peixes, nos relacionássemos como as esponjas, criássemos como os pássaros, fluíssemos como as águas? É possível criar e pensar e viver e sentir a partir de outros seres? Se "a biologia tem uma história que não é natural"⁵, dá para se pensar uma biologia que não é necessariamente humana.

⁵Inspirado no artigo do Luís Henrique dos Santos chamado “A biologia tem uma história que não é natural”. Disponível: <https://pt.slideshare.net/MrciaMoreiradeArajo/a-biologia-tem-uma-histria-que-no-natural>. Acesso em: 03/05/2022.





Sinto o sibilar do vento passando por entre as penas da minha bochecha. Quando o vento sopra as penas da minha nuca se enrijecem, como um arrepio correndo até a ponta da minha espinha. Penas que se enrijecem também na presença de perigo, mas agora não, agora tenho a calma do vento, me tocando.

Toco também, produzindo meu som, cantando e encantando com vibrações sonoras. Sinto a vibração da siringe, as moléculas de ar passando e o som saindo amplificado. Ecoando. Ouço outros sons, não estou só nessa imensidão de céu e floresta.

Em um espasmo-passaro, me jogo em direção ao nada, sem medo de quedas, abro meus braços, braços asas. Pairo pelo céu, rasgando o cetim azul, seguindo vias, criando mãos duplas. Um mapa invisível traçado no céu me leva aonde quero.

Uma das minhas maiores qualidades sempre foi ouvir,
escutar.

Ouçó mais aos outros do que a mim.

Perambulo por entre a noite,
percebendo a todos.

Olhos pequenos, grandes orelhas.

Orelhas revestidas de pelos, para protegê-las.

Mas como proteger-me?

Caminho pelo cerrado, em meio a árvores tortas
retorcidas

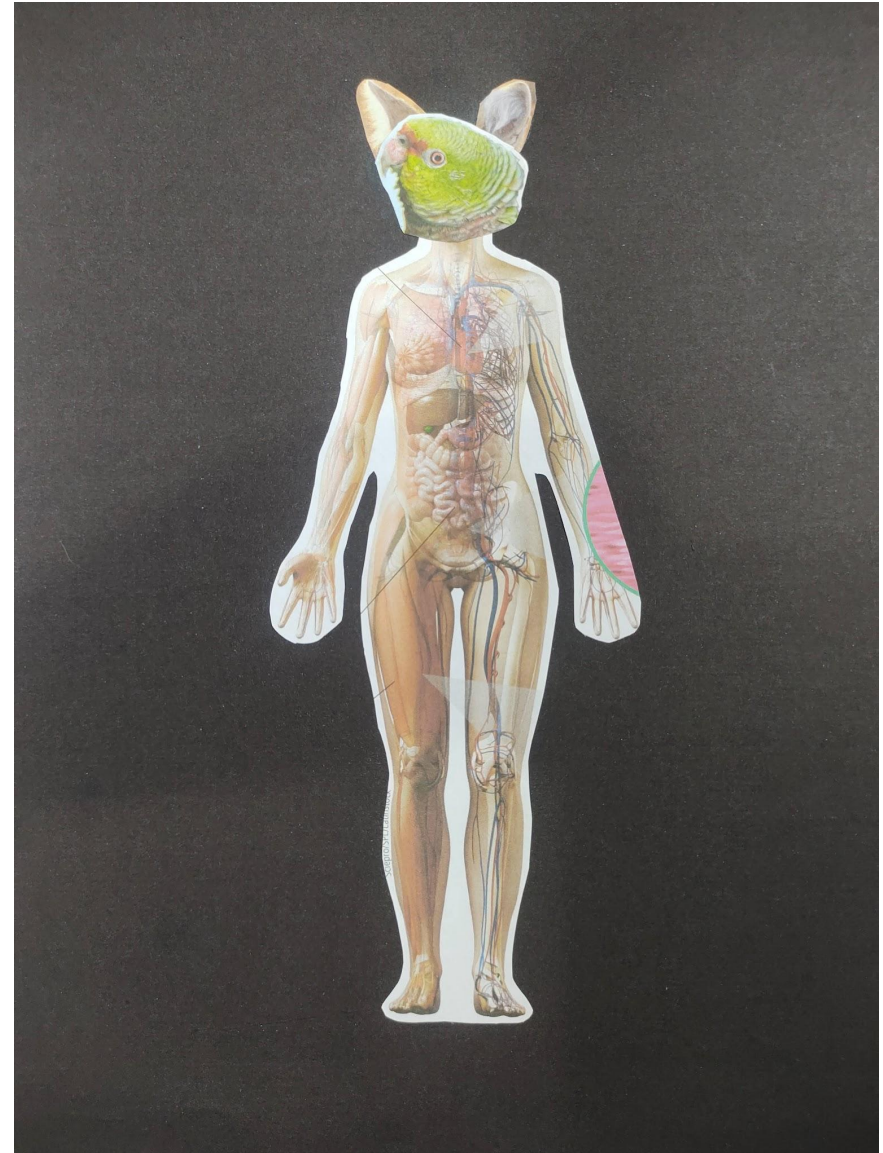
contorcidas

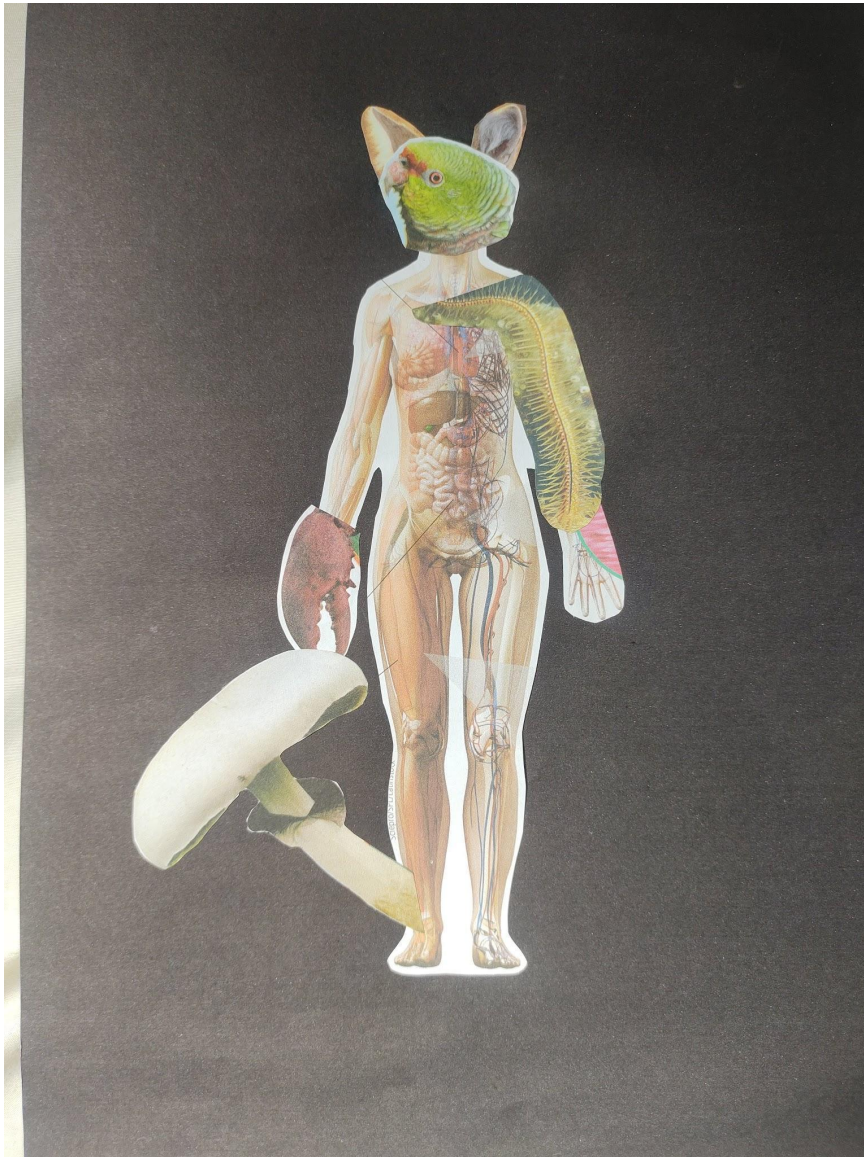
Vendo meu habitat se esfacelar

Não sou lobo

Não sou raposa

Sou o fogo do cerrado em chamas, ardendo.



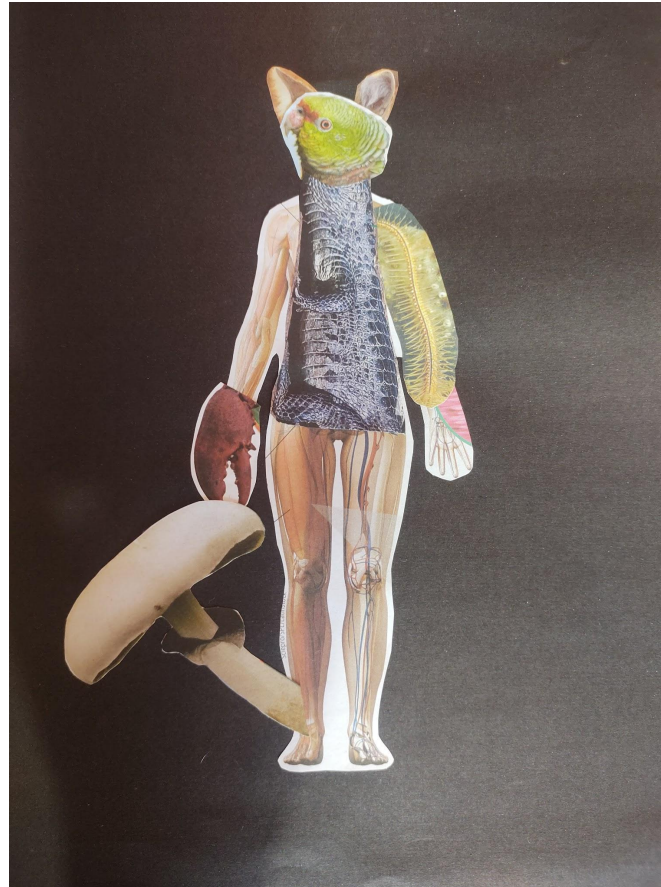


decomponho, em composições
decomponho possibilitando novas composições
descomponho, desmonto, desintegro
disponibilizo, oferto
em um eterno recomeço

com hifas em micélios, ramifico
elemento simbiótico
me permite conexões celulares
me conecto
produzindo uma malha
me fixo ao substrato
digerindo-o

encerro ciclos
possibilitando, novas
vidas possibilitadas
em morte e putrefação

*se houver tempo
 devolve a poesia aos répteis
 deixa que ela se estenda ao sol
 e infle os pulmões sobre as costelas
 rústica algo quebradiça
 mas a bem da verdade inocentada
 desses e de outros adjetivos
 se houver tempo
 devolve os répteis aos répteis
 as matas à sua filigrana
 o pântano às suas poças
 os mares à sua luz
 devolve o humano ao seu*



*um tanto quanto
 ave, réptil, anfíbio (parentes
 há quatrocentos milhões de anos)
 capaz de se espriar pelo tempo
 de vida
 que ainda houver
 e saber que ela também se passa
 de graça e à toa
 enquanto estranhos fantasmas
 degolam-se uns aos outros
 nos solos dos distritos financeiros
 e sempre chegam tarde para o jantar
 (Adriana Lisboa, 2021)*

queria ser planta, desabrochar em intensidades, sentir o orvalho da manhã se acumular em minhas folhas, estender meu corpo por entre espaços criados na terra, em rizoma.

queria ser flor, sentir o peso dos insetos nas minhas pétalas, quando vem a mim em busca do pólen, colorir jardins, vielas, ruas, parques, colorir a vida, colorir as pessoas.

queria ser polén, para ser transportado de um lado ao outro, preso aos minúsculos pêlos das abelhas ou borboletas, estar sujeito a vôos inimagináveis, e talvez servir de suprimento para a produção de mel.

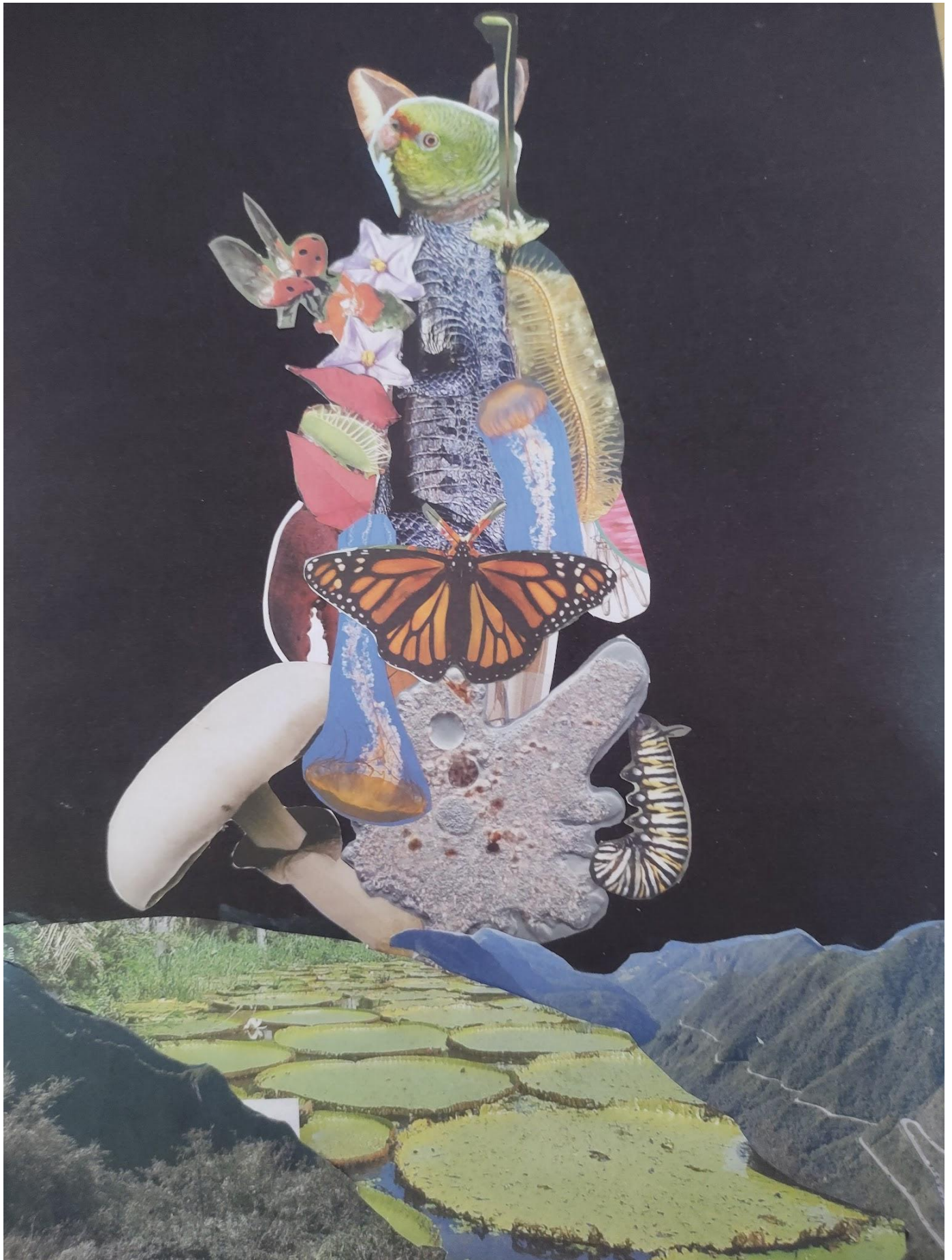
queria ser xilema e floema, para levar os nutrientes da raiz, passando pelo caule até chegar na folha mais longe da copa da árvore.

queria ser floresta, povoada de diversas maneiras, úmida e fechada, abrigando milhares de vidas. queria ser tudo que eu não sou, mais do que eu já fui.



*escuta o vento falar do vento
o vento debater com o vento
o destino do vento
escuta o vento enlançar amorosamente
o vento espraia-se nele
 aventura-se nele
 avançar por dentro dele
o vento que aventa o vento
 que ocorre ao vento
escuta o vento farejando o vento
 arejando o vento
 vociferando o vento*

*escuta o silêncio do vento
 ao guardar
o seu rebanho de vento
(Adriana Lisboa, 2021)*



Em disforme forma me formo, componho um corpo com outros corpos, possibilitando o emergir de um novo ser, completamente diverso e múltiplo. Vários unos que compõem um múltiplo. Abro o corpo a conexões inimagináveis, entrego-o, num eterno vai-e-vem, um eterno vir-a-ser. Permito fusões, concedo anistias, destruo fronteiras, derrubo pontes, esqueço divisões, abandono demarcações. Crio vínculos, faço parentes, laços, reúno elementos, construo novos mundos.

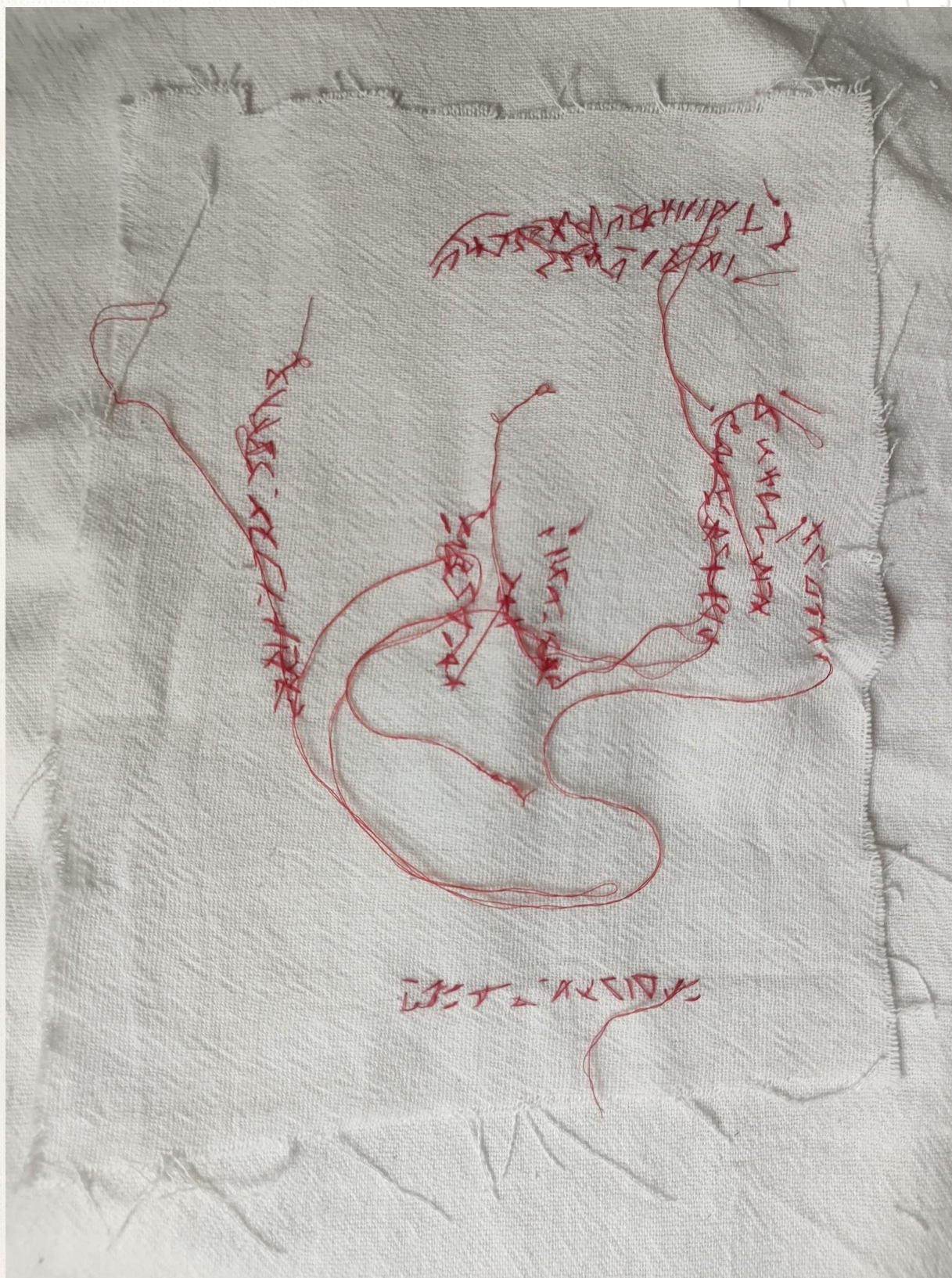
Descentralizar tornando possível ir a diversos lugares, pensar em diferentes sensações, expandindo os horizontes, criando novas linhas de fugas. As experimentações convocam olhares outros em contextos que exercemos um olhar singular, humana. Abrindo a possibilidades de novas percepções, novas biologies, novas educações.

PARA FINALIZAR

A presente pesquisa mobilizou arte e filosofia para pensar com (e na) biologia, contando histórias, criando reais, possibilitando o emergir de novas narrativas. Tendo a experimentação, como uma diferente forma de se chegar ao conhecimento, um anti-método. Tentando driblar as restrições coloniais, elencando novos instrumentos para esta prática, assim, forjando uma nova prática a partir da experimentação.

Este trabalho se dá como uma nova forma de criar e construir uma pesquisa criativa de educação em biologia. Uma pesquisa que passa pelo corpo e não se encerra, pois os caminhos são inúmeros e o esgotamento, improvável. Perceber uma biologia conexa aos arredores, compondo um mosaico fluido de vida, todas as possibilidades de vida, possibilidades de vidas-outras, pensando, inclusive naquelas que escapam, que sobrevivem pelas beiradas.

A pesquisa se dá, traçando caminhos, retos, tortos, se enrolando em nós e emaranhados de linhas. Emaranhados de ideias, sensações, desejos, que compõem mapas, mapas de uma pesquisa possível. Confusão de linhas, presas, com pressa de passar pelo tecido, mas a pressa é inimiga. Em calma, componho e recomponho, uma pesquisa, com arte de uma maneira disruptiva. Rompendo, para assim, compor. Composições até então (in)componíveis, inimagináveis, surreais.



REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima. Minorias e territórios: Ocupações. ETD- Educação Temática Digital, Campinas, SP v.19 n.esp. p. 63-74 jan./mar. 2017.
<https://doi.org/10.20396/etd.v19i0.8647856>

AZULEJARIA Verde em Carne Viva. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14314/azulejaria-verde-em-carne-viva>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2022.

BORGES, Nicole Cristina Machado; ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Fotografias-bordadas: construindo paisagens para (re)existir. ClimaCom – Diante dos Negacionismos [Online], Campinas, ano 8, n. 21, abril. 2021. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/fotografias-bordadas-construindo/>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão, Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012

DELEUZE, Gilles. Conversações. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Trad. Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais!

MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2009.

MANNING, Erin. Em direção a uma política de imediação. in Conexões deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e... / [organizadores] Susana Oliveira Dias; Sebastian Wiedemann; Antonio Carlos Rodrigues Amorim. - Campinas, SP: ALB; FE/UNICAMP, 2019. 359 p. : il.

MEIRELES, Cecília. Reinvenção, 1942. Disponível: <https://www.escritas.org/pt/t/5291/reinvencao>. Acesso em: 07/10/2021.

LAPOUJADE, D. As existências mínimas. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LAPOUJADE, David. William James, a construção da experiência. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEE, Jane. Pond series. 2017. Tinta acrílica e gel sobre fibra de vidro. Disponível: <https://artradarjournal.com/red-states-singaporean-artist-jane-lees-first-solo-exhibitio-n-in-hong-kong/>. Acesso em: 29/04/2022

LEE, Jane. Solid turn liquid. Tinta acrílica e gel sobre fibra de vidro. Disponível: <https://coconuts.co/singapore/lifestyle/art-week-solid-turn-liquid-jane-lee/>. Acesso em: 29/04/2022

LÍNGUA com Padrão Sinuoso. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4909/lingua-com-padrao-sinuoso>. Acesso em: 03/05/2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

LISBOA, Adriana. O vivo. Belo Horizonte: Relicário, 2021

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida: pulsações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PEREIRA, Ana Paula Valle; MARTINS, Daniel Ganzarolli; PEREIRA, Lais de Paula; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em castas do fim do mundo. *ClimaCom – Povos Ouvir – A coragem da vergonha* [Online], Campinas, ano 6, n. 16, dez. 2019. Disponível: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ana-paula-valle-pereira-daniel-ganzarolli-martins-lais-de-paula-pereira-shaula-maira-vicentini-de-sampaio-ficcoes-no-antropoceno-sonhos-decompostos-em-cartas-do-fim-do-mundo>. Acesso em: 03/04/2022.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

SALES, Tiago Amaral; ALVES, Maria Carolina; LOURENÇO, Keyme Gomes; SILVA, Roberta Paixão Lelis; BORGES, Nicole Cristina Machado; ESTEVINHO, Lucia. de Fátima Dinelli; CARVALHO, Daniela Franco. Narrativas de um mundo em ruínas:: conexões entre ciências, artes, filosofias e educação. *ouvirOUver, [S. l.]*, v. 17, n. 2, p. 232–256, 2022. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-61079>

STIENSTRA, Elisabet. *Virgin of Light*. 2011. Carvalho e latão. Disponível: <https://arthur.io/art/elisabeth-stienstra/virgin-of-light>. Acesso em: 29/04/2022

STIENSTRA, Elisabet. *Virgin of Mercy*. 2015. Gesso policromado. Disponível: <https://arthur.io/art/elisabeth-stienstra/virgin-of-mercy>. Acesso em: 29/04/2022

TEDESCHI, Losandro Antonio. Por uma história menor – uma análise deleuziana sobre a história das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 26(1): e46069, jan. 2017.

ULTRASSONOGRRAFIA. In: *Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ultrassonografia>. Acesso em: 06/10/2021

UNFPA; UNICEF. Pobreza menstrual no Brasil: Desigualdades e violações de direitos. Brasília (DF): Brasil; 2021. Disponível: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/pobreza-menstrual-no-brasil-desigualdade-e-violacoes-de-direitos>. Acesso em: 08/10/2021

Zourabichvili, François. O Vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro: IFCH - Unicamp. 2004